

BIOFILIA: O TEXTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E AS ESTRATÉGIAS ENUNCIATIVAS DE TRADUÇÃO

BIOFILIA: EL TEXTO DE DIVULGACIÓN CIENTÍFICO Y LAS ESTRATEGIAS
ENUNCIATIVAS DE TRADUCCIÓN

BIOPHILIA: THE SCIENTIFIC DIVULGATION TEXT AND THE ENUNCIATIVE STRATEGIES
OF TRANSLATION

Everton Gehlen Batista*

Silvana Silva*

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

RESUMO: Este trabalho analisa as estratégias de tradução em uma experiência de tradução inédita de um capítulo do livro *Biophilia* (1984). Partimos do questionamento da noção de língua e nível linguístico em dois teóricos das estratégias linguísticas de tradução, Vinay e Dalbernet (1969) e Chesterman (2016), com objetivo de olhar a tradução pela teoria da enunciação de Benveniste (1989, 1995). O referencial teórico também envolve os trabalhos sobre enunciação de Lichtenberg (2006), Nunes (2012), Melo (2012) e Hainzenreder (2016). O método consiste na interpretação do texto fonte e texto alvo no plano global, ato e situação enunciativa, e no plano analítico, índices específicos e procedimentos acessórios. Os resultados mostram o tradutor como um analista da linguagem, revelando escolhas investidas de interpretação, criatividade e intersubjetividade, como o engendramento sintático e o direcionamento alocutivo.

PALAVRAS-CHAVE: Enunciação. Tradução. Conservação ambiental.

RESUMEN: Este trabajo analiza las estrategias de traducción en una experiencia de traducción inédita para un capítulo del libro *Biophilia* (1984). Partimos del cuestionamiento de la noción de lengua y de nivel lingüístico en dos teóricos de las estrategias lingüísticas de traducción, Vinay y Dalbernet (1969) y Chesterman (1997), con el objetivo de analizar la traducción a través de la teoría de la enunciación de Benveniste (1989, 2005). El marco teórico también abarca el trabajo sobre enunciación de Lichtenberg

* Graduando em Letras, ênfase em Língua Inglesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: evertongnbatista@gmail.com.

* Professora Adjunta do Instituto de Letras - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras - UFRGS. E-mail: ssilvana2011@gmail.com.

(2006), Nunes (2012), Melo (2012) y Hainzenreder (2016). El método consiste en la interpretación del texto origen y del texto meta a nivel global, acto y situación enunciativa, y a nivel analítico, índices específicos y procedimientos auxiliares. Los resultados muestran al traductor como un analista del lenguaje, revelando opciones dotadas de interpretación, creatividad e intersubjetividad, tales como el engendramiento sintáctico y la orientación alocutiva.

PALABRAS CLAVE: Enunciación. Traducción. Conservación medioambiental.

ABSTRACT: This work analyses the translation strategies on an unpublished translation experience of a chapter from the book *Biophilia* (1984). As a starting point, we questioned the notion of language and linguistic level in the theories of linguistic translation strategies, Vinay & Dalbernet (1969) and Chesterman (2016), aiming to look at translation through Benveniste's (1989,1995) theory of enunciation. The theoretical background also covered the works about enunciation of Lichtenberg (2006), Nunes (2012), Melo (2012) and Hainzenreder (2016). The method was built on the interpretation of the source text and target text in the global plane, the enunciative act and situation, and in the analytical plane, the specific indexes and accessory proceedings. The results present the translator as a language analyst, revealing ascribed choices of interpretation, creativity and intersubjectivity, like the syntactic agency and addressee targeting.

KEYWORDS: Enunciation. Translation. Nature conservation.

1 INTRODUÇÃO

O entendimento da enunciação como constitutiva do processo tradutório é essencial para que seja tomada como um “processo global”, nas palavras de Benveniste (1989). Por exemplo, a complexidade do texto de divulgação científica e sua tradução vão além de questões especificamente microlinguísticas. As características também são construídas pelo desenvolvimento da argumentação de um sujeito ao longo da narrativa científica. Entendemos que a subjetividade dos enunciadores e o sentido referencial são fundamentais para entender globalmente a tradução do texto científico na sua complexidade. Com o objetivo de analisar as estratégias envolvidas na experiência de tradução do segundo capítulo do livro *Biophilia* (1984) de Edward O. Wilson, propomos mostrar a relevância da diversidade das línguas na passagem do inglês para o português no gênero divulgação científica, que pode aparentar objetividade e universalidade, mas revela diferenças linguísticas semióticas e enunciativas. A tradução do capítulo é uma proposta de um dos autores do artigo, o bacharelando em Letras Everton Gehlen Batista, mas a publicação do livro ainda é inédita no português.

O livro *Biophilia* (1984), ganhador de dois prêmios Pulitzer, trata da conservação ambiental a partir da perspectiva da filosofia da biologia. Wilson parte de sua experiência pessoal e de argumentos científicos para construir hipóteses sobre a existência da biofilia, a cognição responsável pela inclinação humana de se relacionar com a natureza. Ela aparece, por exemplo, na escolha de lugares de habitação, na arquitetura de alguns prédios, na expressão artística, entre outros comportamentos. O capítulo analisado trata do reflexo dessa cognição no trabalho do naturalista.

Primeiro, fazemos uma revisão teórica dos conceitos de semântico e semiótico, forma e sentido e subjetividade a partir dos livros *Problemas de Linguística Geral I* (1989) e *II* (1995) de Benveniste. Segundo, relacionamos os conceitos à tradução através dos trabalhos de Nunes (2012), que aborda o ensino de tradução, e Hainzenreder (2016), que propõe uma semiologia da tradução. Lichtenberg (2006) trata da sintaxe como um mecanismo enunciativo, o qual é deslocado para entender os efeitos de sentido da sintagmatização do tradutor. Em seguida, problematizamos a ideia de língua por trás das estratégias de tradução de Vinay e Dalbernet (1969) e Chesterman (2016) para entendermos como as estratégias de tradução podem ser concebidas como um processo enunciativo. Terceiro, explicamos a metodologia proposta a partir de Mello (2012), que analisa notícias e crônicas, deslocada para a análise do texto científico. Propomos uma análise não apenas focada na relação entre os planos global e analítico, mas também entre o texto-fonte e o texto-alvo. Quarto, analisamos o segundo capítulo de *Biophilia* (1984) no plano global e analítico. Por fim, concluímos o trabalho pelo entendimento da tradução como um fenômeno enunciativo que depende da subjetividade do tradutor na análise das especificidades dos textos.

2 REVISÃO TEÓRICA: OS DOMÍNIOS SEMÂNTICO E SEMIÓTICO E AS ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO

Para pensar a tradução em um viés enunciativo, é necessário elencar alguns conceitos básicos da teoria da enunciação para essa reflexão alternando com os textos de Benveniste (1989,1995). Primeiro, através das noções básicas da enunciação tradutória auxiliadas por Nunes (2012): a subjetividade, os planos semiótico e semântico, e a forma-sentido. Depois, as estratégias de tradução de Vinay e Dalbernet (1969) e Chesterman (2016).

2.1 OS DOMÍNIOS SEMÂNTICO E SEMIÓTICO E A TRADUÇÃO

O uso da língua por um sujeito só é possível através da autorreferência, que funda, a partir de si, um ponto de vista subjetivo para todas as outras referências, orientando a enunciação sobre um assunto para um alocutário em um determinado espaço e tempo. A subjetividade enunciativa é estruturada pelo aparelho formal da enunciação sobre as noções de pessoa (*eu-tu/ele*) e espaço-tempo (*aqui-agora*). Se consideramos a tradução como uma enunciação, então não podemos falar de um “nós”, autor e tradutor, que a enuncia. O status do *eu* é diferente dos signos definidos no sistema, enquanto os outros signos referenciam a língua, o *eu* não tem valor genérico, mas é um signo autorreferencial que só tem significado no discurso. A tradução só existe no exercício do discurso, na busca de significados referenciais particulares, o que significa que o tradutor só pode enunciar a partir de sua subjetividade. A relação do tradutor com o texto do autor é de influência intersubjetiva, uma vez que ela orienta a tradução, mas não a define. É o tradutor que toma a palavra, mesmo na possibilidade de seu objetivo tradutório ser a produção de um sentido muito próximo do texto do autor e, conseqüentemente, se representando como um enunciador semelhante.

Segundo Nunes (2012, p. 113), “Traduzir é recriar condições para o entendimento de um sentido, que, certamente não é o sentido do texto, mas um sentido possível de ser depreendido interpretativamente”. Isso quer dizer que o tradutor vai trabalhar sobre sua interpretação de um dos sentidos possíveis na língua-fonte, não diretamente sobre a enunciação do autor, para então criar um outro sentido possível na enunciação do texto-alvo. Não desconsideramos a importância do autor para a tradução, mas ele ocupa um lugar de partida para o trabalho do tradutor. Ressaltamos a existência de pelo menos três enunciações no processo de tradução: a primeira produzida pelo autor do texto-fonte (o original); a segunda, pela leitura do tradutor do texto-fonte na língua-fonte (a enunciação como pensamento); a terceira, pela materialização da leitura no texto-alvo (a tradução). Acreditamos que exista uma estreita relação entre a língua e a leitura e o pensamento que encontra respaldo nas próprias palavras de Benveniste (1995, p. 229, grifo nosso), “Somente o funcionamento semântico da língua permite a integração da sociedade e a adequação ao mundo, e por consequência a **normalização do pensamento e o desenvolvimento da consciência**”. Em razão disso, entendemos a leitura como uma enunciação¹ produzida pelo leitor de um texto, e não apenas como uma adequação do leitor à imagem do alocutário feita pelo autor do texto-fonte.

As estratégias de tradução então aparecem para fazer a articulação entre a leitura interpretativa do texto-fonte e a escrita do texto-alvo. Estamos diferenciando as duas interpretações do tradutor, em razão de elas serem duas enunciações diferentes: acontecem em momentos diferentes e são possibilitadas por diferentes sistemas semióticos, os quais têm funcionamentos próprios. Com o objetivo de efetuar esse processo, o tradutor precisa movimentar mecanismos para selecionar e combinar *unidades linguísticas*. Para Benveniste (1995), elas são formadas pelas noções complementares de forma e sentido, expressando-se tanto no plano semiótico como no semântico.

A forma e o sentido semiótico é a unidade do signo, mas não está acessível ao falante diretamente. O signo, genérico e conceitual, é definido pelo *valor* das relações de diferença no sistema: um signo é o que os outros não são, conforme Saussure defende e é retomada por Benveniste. Enquanto se pergunta, no plano semântico, “qual o sentido?”; no semiótico, pergunta-se “significa ou não?”. Nesse plano estão os signos chamados de lexemas, morfemas e fonemas. Eles podem ser analisados, mas sempre a partir da relação de seu uso na frase; eles devem estar sempre englobados em uma enunciação para serem reconhecidos como parte da língua.

¹ Verificamos a existência de duas teses que defendem a hipótese de leitura como enunciação: Naujorks (2011), que analisa textos de vestibular, e Aldrovandi (2018), que analisa artigos de opinião.

O plano semântico surge da apropriação linguística do sujeito expressa na forma e sentido da frase. Ao contrário da frase da gramática tradicional, ela é uma criação de tamanho indefinido organizada pela sintaxe do falante. A palavra aqui não é considerada em sua forma isolada, o lexema, mas como “[...] a menor unidade significante livre susceptível de efetuar uma frase, e de ser ela mesma efetuada por fonemas” (BENVENISTE, 1995, p. 132)². Assim, podemos considerar que a unidade da frase pode ter o tamanho mínimo de uma palavra, mas sua extensão pode variar muito dependendo de seu recorte, enquanto o seu sentido é a ideia criada pelas referências no momento da enunciação.

O signo semiótico existe em si, funda a realidade da língua, mas ele não encontra aplicações particulares; a frase, expressão do semântico, não é *senão* particular. Com o signo tem-se a realidade intrínseca da língua; com a frase liga-se às coisas fora da língua; e enquanto o signo tem por parte integrante o significado, que lhe é inerente, o sentido da frase implica referência à situação de discurso e à atitude do locutor. (BENVENISTE, 1995, p. 230)

Não há uma transposição do domínio semiótico e nem do domínio semântico de uma língua para outra, mas a capacidade linguística de um tradutor se apropriar de sistemas diferentes para produzir uma enunciação aproximada da enunciação do autor. O tradutor opera pelas possibilidades de interpretação da frase, usando as estratégias de tradução para se perguntar “qual o sentido” e também “como significa?”. Geralmente uma tradução é reconhecida por sua estreita aproximação com o texto-fonte, mas essa aproximação vai depender dos objetivos enunciativos do tradutor, que são tão variados quanto as possibilidades de semânticas. As estratégias de tradução ocupam papel fundamental em intermediar as enunciações, aproximando ou distanciando os textos.

2.2 ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO

Vinay e Dalbernet (1969) e Chesterman (2016) constituem um ponto de partida para pensar as estratégias de tradução. As noções de língua e nível linguísticos merecem especial atenção, uma vez que impactam as escolhas do tradutor. Vinay e Dalbernet (1969) classificam suas estratégias de tradução em graus crescentes de complexidade: diretas (empréstimo, decalque e tradução literal) e oblíquas (transposição, modulação, equivalência e adaptação). O empréstimo é a manutenção da forma de uma expressão da língua-fonte na tradução. O decalque é a tradução literal que mantém a disposição sintática. A tradução literal é a operada palavra por palavra com alterações gramaticais e que respeita a situação de uso. A transposição é a mudança na classe de palavras da mensagem traduzida, sem consequência no sentido. A modulação é a mudança de ponto de vista através da manipulação da forma e motivada pela inadequação ou estranhamento. A equivalência é a tradução que leva em conta a mensagem como um todo (não traduzida literalmente), é a tradução da situação, geralmente aparece como a solução dada às onomatopeias e aos provérbios. A adaptação é utilizada quando há dificuldade de se recuperar uma referência cultural na tradução, criando-se uma outra situação semelhante. Os autores afirmam que esses métodos podem aparecer nos três níveis de expressão por eles considerados (léxico, sintaxe e mensagem).

Vinay e Dalbernet (1969) parecem considerar que algumas estratégias de tradução não abarcam o sentido, desconsideradas da relação consequente com a forma. O empréstimo, o decalque, a tradução literal e a transposição são estratégias que modificam apenas a forma em graus diferentes, mas que não olham para a mudança de sentido que cada uma dessas decisões provoca nas outras unidades do texto. Na tradução literal e na transposição, a necessidade da adequação à gramática e ao não estranhamento é considerada, mas sem se atentar que a gramaticalidade e a percepção do que é usual também estão associados à interpretação de um sentido. Por outro lado, a modulação, a equivalência e a adaptação são consideradas como mudanças no sentido do texto motivadas por estranhamento e diferenças culturais. Elas levam em consideração a situação e problemas de sentido mais complexos, mas apenas quando as outras estratégias não funcionam, porque, segundo os autores, traduções mais tradicionais são aconselhadas.

Toda tradução, por mais próxima do texto-fonte que ela possa ser, provoca mudanças de sentido. Tal questão deve ser considerada sempre, não apenas em algumas estratégias de tradução, uma vez que está ligada à estrutura da língua. Além disso, os autores reconhecem a possibilidade da sobreposição de algumas estratégias de tradução, o que evidencia certa redundância da classificação, além de não considerarem estratégias globais de tradução.

² Encontramos noção semelhante em Benveniste (1989).

Chesterman (2016) define suas estratégias de tradução como o modo que o tradutor manipula o texto traduzido, classificando-as em dois principais grupos: globais (a relação mais apropriada de aproximação entre texto-fonte e texto-alvo) e locais (sintáticas, semânticas e pragmáticas). As estratégias globais estão relacionadas a problemas como a manutenção do grau de intertextualidade, representação de dialetos, modernização ou historicização da tradução. As estratégias sintáticas se referem puramente à manipulação da forma, como mudança na oração e nos sintagmas; o teórico considera a tradução literal gramatical como um parâmetro padrão que é modificado conforme a necessidade. As estratégias semânticas estão relacionadas principalmente à semântica lexical, mas também ao significado da oração. As estratégias pragmáticas manipulam a mensagem, envolvendo o conhecimento sobre o público leitor. O que podemos depreender da relação entre as estratégias globais e locais é que essas se referem à manipulação da frase gramatical e aquelas trazem a coerência entre essas frases.

É interessante perceber que Chesterman (2016), ao contrário de Vinay e Dalbernet (1969), considera a possibilidade de se levar em conta uma maior diversidade de níveis linguísticos. No entanto, suas estratégias de tradução olham para a língua em uma perspectiva mais formal porque não levam em conta a interrelação entre os níveis linguísticos e o discurso. As estratégias de tradução sintáticas, por exemplo, esquecem da relação com o sentido, o que mostra uma visão de língua que considera a forma e sentido como noções separadas. De um ponto de vista enunciativo, a divisão em semântica e pragmática não teria um motivo para ser usada, já que o sentido da tradução é sempre situacional e intersubjetivo. Entendemos que as estratégias de tradução do teórico têm objetivos mais didáticos do que teóricos, mas que podem levar a confusões e descuidos na percepção de sutilezas de sentido.

Ao nosso ver, a teoria da enunciação não concorda com a noção de tradução literal proposta por Chesterman (2016) e Vinay e Dalbernet (1969). Os teóricos parecem desconsiderar que um pretense padrão de uma tradução literal está submetido à subjetividade do tradutor, ou seja, à escolha e variação do que é considerado literal. Enunciações diferentes podem ter sentidos muito próximos ao compartilharem traços de significado parecidos causados pela referenciação de uma situação parecida, mas que não fazem dos sentidos de uma enunciação menos específicos ou mesmo literais. A insistência na importância do sentido para se pensar as estratégias de tradução vem da constatação de Benveniste de que ele é “a condição fundamental que todas as unidades de todos os níveis devem preencher para obter *status* linguístico” (2005, p. 130). Essa condição fundamental fica mais evidente quando contrastamos duas formas de análise linguística complementares, a dissociação e a integração.

Ainda segundo Benveniste (1989, p. 135), a análise de uma unidade de forma dissociativa, ou seja, isolando seus componentes, não leva a outra unidade. Desse modo, apenas se reconhece seus elementos formais, até mesmo se estamos lidando com unidades de níveis superiores como uma frase. Para se reconhecer esses elementos como unidades linguísticas é necessário verificar se eles integram uma unidade de nível superior, integrando-a, para que se verifique o sentido da referência situacional. Podemos dizer que “Tudo se resume nisso: a dissociação leva-nos à constituição formal; a integração leva-nos às unidades significantes.”.

A explicação de Benveniste nos ajuda a pensar as estratégias de tradução em níveis abaixo da frase, mas que sempre se relacionam ao sentido enunciativo da frase. Percebemos que as classificações de Chesterman (2016) e de Vinay e Dalbernet (1969) levam em conta apenas a dissociação e a análise formal. As classificações são interessantes e nos ajudam a botar em perspectiva as complexidades do processo tradutório, mas necessitam que o sentido referencial e a subjetividade sejam levadas em conta. Os processos analíticos de segmentação e substituição servem para a relação entre unidades de níveis diferentes, integrativa, e também para a relação entre unidades de mesmo nível, distribucional. Tais operações podem ser arranjadas em uma análise enunciativa da tradução organizada nos planos global e analítico.

3 METODOLOGIA

Conforme nos informam Flores e Teixeira (2005, p. 104), não há uma metodologia única quando se trata das teorias da enunciação: o pesquisador deve estabelecer sua própria metodologia. Encontramos em Mello (2012) um trabalho que sistematiza uma metodologia da análise sintática da teoria da enunciação aplicada à análise de textos em língua portuguesa, que consideramos adequado deslocar para a aplicação às estratégias de tradução. Enquanto Mello busca relacionar os planos global e analítico, nós buscamos olhar para esses planos no texto traduzido em sua relação com o texto-fonte. A análise translíngua (enunciativa) promove a relação entre os textos – o texto-fonte, o texto-alvo, e os textos de referência – e a relação entre os planos de análise

enunciativa. O plano global (macrolinguístico) enfoca as noções de ato enunciativo (as referências ao locutor e alocutário) e situação (as referências ao tempo e espaço). O locutor (*eu*) é quem fala e se propõe como sujeito na enunciação, conduzindo sua enunciação em relação à figura de um alocutário (*tu*) sobre algo ou alguém (*ele*). A situação é o próprio momento da enunciação que serve como âncora espaço-temporal (*aqui-agora*) para a enunciação de outras referências. O plano analítico (microlinguístico) articula o sujeito através dos índices específicos e procedimentos acessórios. Os índices específicos são todas as palavras e expressões que revelam a relação intersubjetiva na linguagem, como os pronomes e os advérbios. Os procedimentos acessórios são as relações sintáticas de todo o texto, não apenas dentro da frase, mas entre outras unidades maiores.

A análise deve acontecer em um vaivém entre e dentro dos macro e microsegmentos do texto baseados nos planos global (o texto e seus parágrafos) e analítico (unidades sintáticas e morfológicas), promovendo a convergência criteriosa entre o sentido das interpretações. Na tradução, o plano global é definido por um objetivo global do tradutor, que pode ou não se aproximar do objetivo global interpretado do texto-fonte. Dessa forma, definimos as estratégias de tradução como *o processo interpretativo e de textualização que orienta e explica as decisões da enunciação tradutória de acordo com objetivos enunciativos globais e analíticos a partir das relações internas e de um texto-fonte*.

O tratamento dos dados começou com (a) a seleção do segundo capítulo do livro *Biophilia* (1984), o qual foi traduzido do inglês para o português. Depois disso, (b) a seleção de três excertos com questões tradutórias produtivas e então (c) a análise global do capítulo e (d) a análise analítica dos três excertos. Questões tradutórias produtivas foram aquelas em que uma maior esforço interpretativo foi necessário da parte do tradutor, tais como diferenças entre os gêneros discursivos, especificidades terminológicas, minúcias descritivas e maior necessidade de pesquisa sobre algum conhecimento enciclopédico.

4 ANÁLISES ENUNCIATIVAS

As análises do plano global e analítico de cada enunciação foram feitas interpretativamente entre texto-fonte e texto-alvo. Buscamos observar as semelhanças e diferenças, não supor uma condição de superioridade entre os textos. Enquanto o plano global enfocou a relação entre os parágrafos na construção do capítulo, o plano analítico enfocou a relação entre os sintagmas dentro dos parágrafos.

4.1 ANÁLISE INTERPRETATIVA DO PLANO GLOBAL

Bernhardsdorp é o segundo capítulo do livro *Biophilia* (1984), que é composto por 38 parágrafos divididos em quatro (4) grupos, como se fossem cenas interligadas entre si. A narrativa científica-filosófica ocorre de acordo com o processo enunciativo, atualizando gradualmente o aparelho formal da enunciação. A tradução parte de um objetivo global muito parecido com o texto-fonte, mantendo semelhante argumentação durante a narrativa. Mesmo assim, o aparelho formal sofre deslocamentos, o locutário é o tradutor, o alocutário é o público brasileiro interessado nas ciências biológicas e o tema sobre o qual se fala é a biofilia no trabalho do naturalista.

No grupo dos primeiros oito (8) parágrafos, (1) Wilson contextualiza inicialmente onde ele está, Bernhardsdorp, uma vila Arawak no Suriname. (2) Entre os moradores do local, (3) avista um pecari, comentando então sobre as características do animal, (4) principalmente sobre sua inteligência, mas que é subdesenvolvida se preso, (5) justificando seu sentimento de embaraço com a cena. (6) Depois disso, introduz o real motivo de sua viagem, a pesquisa sobre formigas. (7) Ele então nos lembra de seu gosto por estar na natureza, discordando dos autores que a consideram barreiras naturais às pessoas e (8) mencionando uma viagem sua para Jerusalém para dizer que a história natural de um lugar é tão interessante quanto sua história humana.

O texto-fonte organiza o quadro enunciativo a partir da enunciação do autor, o sujeito representado, Edward Wilson. O tempo-espaço inicial do capítulo é uma manhã em uma aldeia chamada Bernhardsdorp. O objetivo de investigar sobre formigas no Suriname, a descrição minuciosa do pecari e a menção da viagem a Jerusalém servem para apresentá-lo como um biólogo perito e experiente, descrição que gera confiança sobre seu conhecimento no desenvolvimento do tema (a descrição?), movimentando o foco narrativo para seu objeto de estudo, *ele*, que se liga primeiramente ao *eu* através de sua experiência pessoal.

No próximo grupo de sete (7) parágrafos, (9) entrando na floresta e se distanciando da vila, (10) Wilson explica seu método para achar novos organismos, chamado de “o transe do naturalista” ou “o transe do caçador” (11) e descrito como uma sensação de calma e de atenção plena sobre o ambiente. (12) Todos os organismos a sua volta exercem um papel no conjunto, (13) organizando a vida através dos níveis tróficos. Isso significa que a extinção de um ser reverbera nos outros. (14) Essa ligação sistêmica mostra a importância do estudo de todas as espécies integrantes, justificando a vinda ao Suriname. A partir do exemplo do ciclo de reprodução da mariposa relacionada à preguiça, (15) o autor usa argumentos evolutivos para explicar que outras espécies também se utilizam da especialização para evitar a competição e coexistir.

Wilson tenta dar sentido a essa experiência de interação entre naturalista e natureza para chegar a novas descobertas. Para aproximar sua explicação ao alocutário, começa a dar exemplos da ligação entre os seres em um nível trófico mais conhecido (exemplo sobre a mariposa e a preguiça). À medida que o autor apresenta a si mesmo, suas ideias e experiências, ele também caracteriza necessariamente a quem ele se dirige. O tom modulado de sua escrita, não excessivamente terminológica, mas investida de explicações minuciosas, demonstra que o público focado não é só de pessoas da área da biologia, mas também de leigos interessados em novas perspectivas na relação entre os seres humanos e outras formas de vida.

No grupo seguinte de 21 parágrafos, (16) a partir do argumento de que fomos criados dentro da diversidade das espécies e não temos noção de seus limites, Wilson sugere que o comportamento de busca por novos lugares e novos tipos de vida é aparentemente inato. No entanto, (17, 18) tenta formular uma melhor explicação, divagando sobre o Rio Saramacca e outros lugares, até chegar ao entendimento de que o arquétipo da admiração pela natureza já era compartilhado na época da colonização do Novo Mundo. (19) Compartilhamento que é também expresso nas artes, como na pintura de *Sunset in Yosemite Valley* (1868) e na literatura (em *Moby Dick*). (20) Essa busca é apontada como a razão que nos levou ao dilema da “máquina no jardim” expressada na literatura norte-americana e identificado por Leo Marx (1964), que se refere à relação problemática da tecnologia e da natureza.

O tema do capítulo não é mais somente o transe do naturalista, mas expandido para o comportamento de busca por conhecimento da natureza, assumida como compartilhada pelo alocutário. Assim, traz maior concretude através de componentes do passado como forma de argumentação, ligando ao dilema atual da “máquina no jardim” referente ao problema ambiental, que seria a causa desse próprio comportamento biofílico. Tais exemplos ajudam o locutor e alocutário a criarem uma relação com o tema tratado ao se localizarem, uma vez que há um aparente compartilhamento de contexto e, conseqüentemente, da biofilia.

(21) O narrador começa a divagar por exemplos dos maiores jardins (como a Amazônia) e máquinas (como Nova York) do planeta, (22) distando-se do *aqui-agora* enunciativo até o homem ancestral, quando o dilema não existia, visto que seu comportamento era guiado pela sobrevivência. (23) A busca por conhecimento refinou a genética e a cultura, mas nos trouxe a um clímax problemático que pode causar nossa própria destruição. Ele acredita que esse dilema pode ser resolvido por esse mesmo comportamento, (24) construindo seu argumento a partir da exemplificação da existência de muito a ser descoberto ainda a partir da análise de um pedaço de terra (mais próximo do presente enunciativo), onde explora a riqueza de espécies que pode haver. Depois exemplifica em diferentes níveis de análise que, ora se distanciam, ora se afastam do lugar de sua enunciação: fungos, mariposas e, mais detidamente, (25) bactérias. Esses exemplos servem para mostrar como a especialização é uma forma de evitar conflito entre espécies e promover a coexistência. Esse argumento vai ressurgir mais tarde no final do capítulo para defender a biofilia como forma de especialização. (26) A análise continua em nível genético, (27) informando sobre a quantidade enorme de informação que podem ser medidas em bits em um simples inseto. (28, 29, 30) Por exemplo, a relação entre as moscas e formigas forrageadoras durante a evolução moldou seus cérebros, os quais funcionam como um computador cheio de informações, mas que os cientistas não conseguem replicar ou explicar.

O enunciativo, depois de assentar referências mais próximas ao alocutário nos parágrafos anteriores ao 21, parte para exemplos mais complexos na história natural e em outros níveis tróficos que servem para firmar a extensão e profundidade das inter-relações que produziram o comportamento que está descrevendo. Até o parágrafo 27, o autor vai decrescendo nos níveis de análise, chegando no nível genético. Mas, a partir do parágrafo 28, o movimento de aproximação ao alocutário é novamente feito, o foco parte para o comportamento de um grupo de insetos. Este grupo de parágrafos trata sobre a especialização como um mecanismo comum a vários comportamentos humanos e comum a várias formas de vida. Primeiro introduzindo e contextualizando nos exemplos sobre

pintura e literatura, depois parte para um lugar mais perto do enunciador, um punhado de terra, então surge a descida a níveis tróficos biológicos longe do alocutário e, por fim, há a volta para o nível trófico dos insetos, mais perto do entendimento do alocutário (*aqui-agora* mais próximo). O mecanismo de alternância entre diferentes níveis de análise pelo autor promove a generalização e a mais fácil compreensão do conhecimento ao alocutário.

(31) A narração enfoca exemplos sobre a extensão da investigação e a consequência das mais variadas possibilidades de conhecimento a partir de um estudo de von Frisch sobre as abelhas: (32, 33) a investigação sobre o interior dos organismos e (34) a história das relações entre espécies. Além disso, a partir do exemplo da descoberta de novos insetos nas copas das florestas tropicais, que levaram a novas estatísticas e (35) a possibilidade da existência de uma grande quantidade de insetos ainda não descoberta.

Os parágrafos anteriores ao 31 facilitam a articulação com o novo assunto abordado ao realizar uma análise no mesmo nível, falando sobre insetos. O foco não é mais sobre a formação do comportamento de interesse pela natureza, mas suas vastas potencialidades de conhecimento que partem de exemplos vindos da abelha e outros insetos, projetando essa importância para a biofilia. Ainda não há, nomeadamente, uma referência à biofilia como esse comportamento, mas já é possível depreender a orientação da narrativa.

No final do capítulo, os dois últimos parágrafos concluem as reflexões desenvolvidas nele. Aproveitando o gancho sobre os insetos das florestas tropicais, (37) Wilson volta para o objetivo de sua viagem apontado no começo do capítulo, acabando por descobrir uma espécie de formiga ainda não identificada no local, dando uma finalização à exploração de campo para voltar para casa. (38) Ao final do dia, reflete sobre sua experiência e adiciona uma carga simbólica a ela: a jornada do naturalista vai durar para sempre, porque está ligada ao próprio espírito humano e a visão do naturalista é uma especialização do instinto biofílico compartilhada por todos. Assim, finalmente dá nome e sentido aos vários exemplos desenvolvidos no capítulo sobre especialização e interligação entre os seres vivos.

O lugar de enunciação, tomado como o presente enunciativo, parece ser Bernhasdsdorp, uma aldeia Arawak no Suriname perto da capital do país sul-americano (Paramaribo). No entanto, o tempo cronológico não fica claro, parece ser o período de um dia, da manhã até o entardecer, mas sem especificação de ano, por isso supomos como algum momento por volta da publicação do livro em 1984. Acreditamos que a representação do lugar e do presente em relação à escrita não foram simultâneas. Apesar do uso do tempo presente, ele parece ser fruto de uma memória, mas o autor usa desse artifício espaço-temporal para estabelecer uma enunciação mais próxima do assunto e do alocutário. Em relação à tradução, podemos dizer que o plano global é modificado quando o aparelho formal é mobilizado pelo tradutor, mas adiantamos que as diferenças ficam mais explícitas no plano analítico. O locutário do texto traduzido é o tradutor, mas que, por causa das especificidades surgidas dos objetivos globais e analíticos que exigem a produção de uma forma-sentido bem próxima ao texto-fonte, o tradutor se representa como um sujeito muito próximo do sujeito representado pelo autor do texto-fonte, Edward Osborne Wilson. A passagem de locutor em sujeito acaba por apagar o tradutor, mas não o invisibiliza por completo, como veremos mais claramente no capítulo seguinte. No entanto, como toda enunciação, ela deixa rastros do processo passíveis de serem detectados no enunciado.

Outros elementos da língua também sofrem modificação. A tradução do texto foi produzida por um estudante universitário de Letras na cidade de Porto Alegre, em 2019, mas a enunciação tradutória tenta reproduzir a projeção espaço-temporal do texto-fonte. É possível que o maior distanciamento aparente entre os textos se dê a partir da criação de uma nova intersubjetividade pela modificação do alocutário. Não se trata mais do falante de inglês interessado na filosofia da biologia, mas o brasileiro interessado na filosofia da biologia. Em consequência, o assunto tratado também é narrado de forma diferente, mas não é aparentado no plano global. A forma-sentido desse plano continua muito similar, apesar da clara mudança de língua, a estrutura dos parágrafos e da distribuição das frases gramaticais dentro deles é muito parecida. Assim, muitas das análises tomadas para o texto-fonte podem ser tomadas para o texto-alvo por terem objetivos enunciativos muito próximos no plano global, mas, se esses objetivos enunciativos fossem diferentes, como uma adaptação a outro público, a análise revelaria uma outra configuração.

3.2 ANÁLISE INTERPRETATIVA DO PLANO ANALÍTICO

O primeiro par de excertos analisados (parágrafo 13) relata os momentos iniciais de entrada do pesquisador na floresta amazônica do Suriname e seus apontamentos e questionamentos sobre a intrincada relação entre os seres daquele lugar. Alguns argumentos científicos são úteis para explicar a biofilia, como a adaptação por coevolução.

Excertos 1

Texto-fonte 1

Ecologists speak of "chaotic regimes" that rise from orderly processes and give rise to others in turn during the passage of life from lower to higher levels of organization. The forest was a tangled bank tumbling down to the grassland's border. Inside it was a living sea through which I moved like a diver groping across a littered floor. But I knew that all around me bits and pieces, the individual organisms and their populations, were working with extreme precision. A few of the species were locked together in forms of symbiosis so intricate that to pullout one would bring others spiraling to extinction. Such is the consequence of adaptation by coevolution, the reciprocal genetic change of species that interact with each other through many life cycles. Eliminate just one kind of tree out of hundreds in such a forest, and some of its pollinators, leafeaters, and woodborers will disappear with it, then various of their parasites and key predators, and perhaps a species of bat or bird that depends on its fruit - and when will the reverberations end? Perhaps not until a large part of the diversity of the forest collapses like an arch crumbling as the keystone is pulled away. More likely the effects will remain local, ending with a minor shift in the overall pattern of abundance among the numerous surviving species. In either case the effects are beyond the power of present-day ecologists to predict. It is enough to work on the assumption that all of the details matter in the end, in some unknown but vital way. (WILSON, 1984, p. 7-8)

Texto-alvo 1

Os ecologistas falam de "regimes caóticos" que surgem a partir de processos ordenados e dão origem a outros no lugar durante a passagem da vida dos níveis de organização mais baixos para os mais altos. A floresta era um bloco emaranhado que ia se desenrolando até a fronteira com a pastagem. Dentro dela, era um mar vivo por onde eu me movia como um mergulhador tateando um chão cheio de entulho. Mas eu sabia que ao meu redor cada pedacinho, cada um dos organismos e suas populações, estava trabalhando com extrema precisão. Algumas das espécies eram unidas por simbioses tão intrincadas que arrancar uma espécie levaria todas elas a uma espiral de extinção. Tal é a consequência da adaptação pela coevolução, a mudança genética recíproca de espécies que interagem entre si durante muitos ciclos de vida. Se fosse retirado apenas um tipo de árvore em meio a centenas de uma floresta, alguns de seus polinizadores, comedores de folhas e furadores de madeira desapareceriam com ela, conseqüentemente vários de seus parasitas e principais predadores, e talvez alguma espécie de morcego ou ave que dependa de sua fruta - e quando essas reverberações terminariam? Talvez não até que uma grande parte da diversidade da floresta entre em colapso como um arco desmoronando quando a pedra angular de sua construção é retirada. É mais provável que os efeitos continuariam locais, terminando em uma pequena mudança no padrão global de abundância de espécies entre as numerosas espécies sobreviventes. Em ambos os casos, os efeitos estão além do que ecologistas contemporâneos podem prever. É suficiente supor que todos os detalhes são importantes no final, de alguma forma desconhecida, mas vital. (WILSON, 1984, p. 7-8, tradução minha)

O locutor é expresso explicitamente através dos pronomes "I"/"eu", "me" e "me"/"meu" nas expressões "eu me movia" e "eu sabia que ao meu redor". Primeiro ele narra a experiência de estar dentro da floresta em busca de um organismo para sua análise, criando uma metáfora visual de um "mergulhador tateando um chão cheio de entulho" e depois parece reconhecer quase automaticamente os acontecimentos ao seu redor. Na tradução, uma das opções para "littered floor" seria "chão cheio de lixo", no entanto, entendemos que, apesar da imagem se referir ao chão oceânico cheio de resíduos, não parece que a floresta está sendo comparada a algo sem valor e descartável evocado pela palavra "lixo". Inclusive, a frase seguinte reforça a importância de "cada um dos organismos" e seu trabalho "with extreme precision"/"com extrema precisão", por isso a tradução "entulho" parece carregar uma imagem menos

negativa, se referindo talvez ao mesmo resíduo marítimo, mas dando um recorte diferente. “Entulho” caracteriza o ambiente como um lugar cheio de dificuldades para a movimentação da pesquisa na floresta.

O texto só se refere uma vez diretamente ao alocutário através do verbo “Eliminate”, convidando-o a se pôr no quadro enunciativo junto ao locutor e se imaginar provocando a extinção de alguma espécie da floresta indiretamente. O uso do verbo no imperativo em inglês parece soar menos impositivo do que em português, por isso optou-se pelo uso da voz passiva, o que é mais usual no gênero em português, em vez do uso da evocação direta do interlocutor pelo uso de um pronome. Ainda assim, o uso do pretérito imperfeito do subjuntivo convida o leitor a pensar na situação através do tom hipotético da oração.

O autor busca perceptivelmente argumentos vindos de outros profissionais para dar maior autoridade sobre o assunto, por isso o uso de “Ecologists”/“Os ecologistas” e “present-day ecologists”/“ecologistas contemporâneos”. O lugar e os organismos desse lugar aparecem diversas vezes marcados como pontos de partida de sua análise, tornando-se o assunto principal do parágrafo e aparecendo como o tópico da frase: “A floresta”/“The forest” e “A few of the species”/“Algumas das espécies”. Wilson estabelece uma relação de consequência e importância entre os seres usando de sintagmas como “the reciprocal genetic change of species”/“a mudança genética recíproca de espécies”, “reverberations”/“reverberações” e “keystone”/“a pedra angular de sua construção”.

Os índices de ostensão expressam a forma como se desenvolve o processo de pesquisa e de coevolução. Há uma delimitação temporal e espacial através desses índices para marcar o surgimento desses processos, seu desenvolvimento e possível fim.

a) O presente simples traduzido como o presente do indicativo marca o começo do processo em “rise”/“surtem” e em “give rise”/“dão origem”. Ele também indica o tom científico do processo ao evocar outros pesquisadores com “speak”/“falam” e concluir sua observação com “interact”/“interagem”.

b) Wilson usa verbos no passado e a combinação passado e gerúndio para lembrar sua experiência e também fazer constatações científicas sobre ela. O processo analisado parece se desenvolver por si só, como se não fosse produto da análise de Wilson. Constrói a imagem de uma floresta simultânea e independente, “tumbling down”/“ia se desenrolando”, e cada organismo “were working”/“estava trabalhando”. Assim como as relações de interação já aparecem antes de ele mencionar a coevolução através de locuções adverbiais. Os níveis tróficos se relacionam do(s) “lower to higher”/“mais baixos para os mais altos”.

c) As consequências do processo de extinção parecem mais certas no texto em inglês se analisarmos só o uso do verbo modal *will* (futuro simples) em “will disappear” e “will remain”. Foram traduzidos, respectivamente, no futuro do pretérito como “desapareceriam” e “continuariam”, mas o próprio texto usa de expressões adverbiais como “talvez” e “talvez não”, além da interrogação, para modular essa certeza. A mudança do tempo verbal decorre da mudança de outras estruturas da frase já explicadas mais acima quando se caracteriza o alocutário. O futuro do pretérito está indicando o que poderia ter acontecido depois da suposição da retirada de uma árvore na floresta.

É perceptível a aproximação com o gênero ensaio nesse parágrafo na negociação com o alocutário no uso da função sintática da interrogação como pergunta retórica no trecho “e quando estas reverberações vão terminar?”. O alocutário não precisa responder de fato sobre até onde vão as consequências da extinção de um ser vivo, mas essa argumentação instiga a percepção da grande extensão e complexidade das relações dos seres vivos que nem ele consegue supor. É por isso que no final do mesmo parágrafo Wilson termina com “É o suficiente supor que todos os detalhes são importantes no final, de alguma forma desconhecida, mas vital”. Da mesma forma, Wilson se preocupa em pormenorizar cada parte da narrativa e dar vários exemplos, servindo tanto para informar melhor o interlocutor, mas também o convencer de que cada detalhe importa. A expressão desse recurso argumentativo aparece na sintaxe ao caracterizar a floresta: ela é grande, “tangled bank”/“bloco emaranhado”, “living sea”/“mar vivo”; complexa, “so intricate”/“tão intrincadas”, “with extreme precision”/“com extrema precisão e diversa, “one kind of tree out of hundreds”/“um tipo de árvore em meio a centenas”, “various of their parasites and key predators, and perhaps a species of bat or bird”/“vários de seus parasitas e principais predadores, e talvez alguma espécie de morcego ou ave”. Os seguintes trechos são um exemplo da necessidade de preservar o detalhamento da descrição na tradução, “bits and pieces, the individual organisms and their populations”/“cada pedacinho, cada um dos organismos e suas populações”. A expressão idiomática “bits and pices” significa uma miscelânea de pequenas coisas, por isso que, para dar uma ideia da totalidade em detalhe da floresta, a tradução usou a palavra “cada” e o morfema

“-inho” para enfatizar esse sentido, fazendo com que a combinação traga ao morfema não só um sentido diminutivo, indicador de pequenos organismos, mas também de diferença até mesmo entre os pequenos organismos.

“Tangled bank”, por exemplo, poderia ter sido traduzida como “densa” e “fechada”, mas perderia a dimensão de extensão e altura que a palavra “bloco” pode expressar quando relacionada a “emaranhado”, que ajuda representar uma imagem de cipós, galhos, outras vegetações e seres em estrita relação. Além disso, a floresta vai diminuindo sua densidade até chegar em um campo, “tumbling down”/“ia se desenrolando”, por isso a escolha tradutória de uma combinação coerente de sintagmas. Um emaranhado de floresta que se desenrola gradativamente, como a figura de um novelo se desenrolando, de um espaço biológico para outro.

O segundo par de excertos (parágrafo 32) é o momento de introdução da prática da pesquisa científica através do exemplo de uma abelha. A análise descreve diferentes comportamentos das abelhas e, por fim, apresenta conclusões decorrentes dessa observação.

Excertos 2

Texto-fonte 2

You start with the known: in the case of the honeybee, where it nests, its foraging expeditions, and its life cycle. Most remarkable at this level is the waggle dance discovered by von Frisch, the tail-wagging movement performed inside the hive to inform nestmates of the location of newly discovered flower patches and nest sites. The dance is the closest approach known in the animal kingdom to a true symbolic language. Over and over again the bee traces a short line on the vertical surface of the comb, while sister workers crowd in close behind. To return to the start of the line, the bee loops back first to the left and then to the right and so produces a figure-eight. The center line contains the message. Its length symbolically represents the distance from the hive to the goal, and its angle away from a line drawn straight up on the comb, in other words away from twelve o'clock, represents the angle to follow right or left of the sun when leaving the hive. If the bee dances straight up the surface of the comb, she is telling the others to fly toward the sun. If she dances ten degrees to the right, she causes them to go ten degrees right of the sun. Using such directions alone, the members of the hive are able to harvest nectar and pollen from flowers three miles or more from the hive. (WILSON, 1984, p. 18)

Texto-alvo 2

É necessário começar com o que é conhecido: no caso da abelha, onde ela nidifica (construção de ninhos), suas expedições de forrageamento (busca de alimento) e seu ciclo de vida. O mais interessante nesse nível é a dança das abelhas descoberta por von Frisch, o movimento de abanar o rabo realizado dentro da colmeia para informar aos parceiros de ninhada a localização de flores e locais de nidificação recém-descobertos. Essa dança é o mais próximo conhecido no reino animal a uma verdadeira linguagem simbólica. Repetidas vezes a abelha traça uma linha curta na superfície vertical do favo de mel, enquanto as irmãs trabalhadoras se juntam logo atrás. Para retornar ao início, a abelha faz uma acrobacia aérea primeiro de volta para a esquerda e depois para a direita, produzindo assim a imagem do número oito. A linha central contém a mensagem. O seu comprimento simbolicamente representa a distância da colmeia até o alvo e o seu ângulo de distância de uma linha traçada diretamente sobre o favo de mel, em outras palavras, a distância das doze horas, representa o ângulo para seguir à direita ou à esquerda do sol ao sair da colmeia. Se a abelha dança diretamente na superfície do favo, ela está dizendo aos outros que voem em direção ao sol. Se ela dança dez graus à direita, ela faz com que as abelhas fiquem dez graus à direita do sol. Usando exclusivamente essas direções, os membros da colmeia são capazes de colher néctar e pólen de flores a três milhas ou mais da colmeia. (WILSON, 1984, p. 18, tradução minha)

Nesses excertos não há marcação explícita do locutor através de pronomes, o que pode ser justificado pelo foco estar sobre o processo de análise do naturalista. A posição discursiva ainda assim aparece através dos índices de ostensão como “inside”/“dentro”, “while”/“enquanto”, “close behind”/“logo atrás”, “to the left”/“para esquerda”, “when”/“quando”, “straight up”/“diretamente”, “toward”/“em direção”, “right of the sun”/“à direita do sol”. Tais índices se referem, na maioria das vezes, sobre o espaço, aproximando o alocutário de uma dimensão menor que o domínio humano, os insetos e interior de uma colmeia. Esse movimento de aproximação a um domínio menor mostra a visão biológica de Wilson e também uma argumentação científica que parte de algo

conhecido do alocutário, uma abelha, para então despertar um olhar não ordinário sobre algo conhecido através do detalhamento analítico. O uso de “symbolically”/“simbolicamente” funciona como uma articulação principal entre a descrição da representação da dança das abelhas e o objetivo da orientação, informando a justificativa do olhar do pesquisador do porquê da dança das abelhas. Na tradução, nota-se a tentativa de precisão para localizar o alocutário nessa análise.

O alocutário aparece expresso no uso de “you start” na primeira linha, convidando-o para se imaginar como uma naturalista em seu trabalho. Em português, em função do maior distanciamento do gênero, optou-se por usar a expressão “é necessário” para recuperar o sentido de posicionamento direto do pronome e da certeza expressa pelo presente verbal em inglês. Wilson não só ilustra seu trabalho, mas tenta dar a sensação de pesquisa, pois há uma tentativa de aproximar a biofilia do naturalista a uma experiência análoga à do alocutário. Um recurso usado é tratar o assunto, a abelha, como “it” e “its” no começo do parágrafo, mas depois tratá-la como “she” no final de sua análise. Mesmo que os dois pronomes estejam na 3ª pessoa do singular, “she” parece apontar para algo que, ainda não participando da enunciação, está mais próximo no espaço metafórico da enunciação do que “it”: depois da explicação do comportamento da abelha, o conhecimento sobre ela está mais próximo. Na tradução, porém, essa sutil diferença não é percebida, não foram achados outros índices específicos para contraposição além de “ela”.

A maioria dos verbos usados nesse excerto estão no presente simples, sendo traduzidos no presente do indicativo.

- a) O uso do presente nos seguintes verbos indica um comportamento que se repete no tempo, um costume que o enunciador tem grande certeza: “nests”/“nidifica”, “traces”/“traça” e “produces”/“produzindo”. Em relação à tradução, destaca-se o par “loops”/“faz um laço no ar”. Foi necessário pesquisar a imagem do que é “loop”, assim possibilitando a sua descrição que se assemelha ao movimento em forma de um oito deitado. Considerando que a palavra não existe no português, a estratégia pretendeu evitar o uso genérico de palavras como “movimento” e “acrobação”. O entendimento espacial desse movimento serve para descrever como as abelhas decodificam esse mesmo movimento como informação para uma ação, em que as especificidades de comprimento e ângulo importam.
- b) O uso de verbos de ligação, “is”/“é”, “are”/“são”, por exemplo, servem para apresentar definições ou conclusões sobre o comportamento das abelhas.
- c) A locução “is telling”/“está dizendo” introduz uma consequência do comportamento das abelhas sobre a colmeia.

A sintaxe do tópico das frases mostra o enfoque sobre o objeto central de análise, o comportamento das abelhas, como “The dance”/“Essa dança”, “The center line”/“A linha central” e “Its length”/“O seu comprimento”. O objeto sobre o qual se fala não é estático durante a narrativa, mas ele vai sendo construído à medida que o enunciado vai sendo produzido ao receber novas denominações e descrever novas ações. Nesse caso, o nível de análise estabelecido sobre o inseto no início do parágrafo vai diminuindo até as partes menores, como o comprimento do voo da abelha, mas mantendo a unidade temática. Até mesmo construções na voz passiva são usadas para deixar o tópico sobre as abelhas, mas trazendo um argumento de autoridade expresso em “discovered by von Frisch”/“descoberta por von Frisch”. Esse argumento é abraçado parcialmente na enunciação de Wilson, que considera relevante para sua própria argumentação, mas que aparentemente parece discordar que a dança das abelhas se configura como uma linguagem, modulando sua afirmação com “the closest”/“o mais próximo” que se conhece de uma linguagem animal.

O deslocamento de sintagmas pela topicalização e o paralelismo aparecem nos seguintes trechos, “If the bee dances straight up the surface of the comb”/“Se a abelha dança diretamente na superfície do favo” e “If she dances ten degrees to the right”/“Se ela dança dez graus à direita”. As duas condições de dança da abelha são postas em foco, mostrando a maior importância da análise sobre a origem do comportamento do que sua consequência. Paralelas, elas são apresentadas com iguais possibilidades de acontecimento e com origens em comum, da dança das abelhas.

As posições demonstram uma atitude de esclarecimento em relação ao alocutário. Elas informam sobre o que é o propósito da dança das abelhas em “the tail-wagging movement performed inside the hive to inform nestmates of the location of newly discovered flower patches and nest sites”/“o movimento de abanar o rabo realizado dentro da colmeia para informar aos parceiros de ninhada a localização de flores e locais de nidificação recém-descobertos”. Na tradução, buscou-se acrescentar dois apostos que

não existem no texto-alvo “construção de ninhos” e “busca de alimento” para explicar possíveis termos obscuros da área da apicultura, “it nests”/“ela nidifica” e “foraging expeditions”/“expedições de forrageamento”.

No terceiro par de excertos (parágrafo 38) do capítulo, o autor relembra o seu dia e, a partir das conclusões que chega dessa experiência, define o que é biofilia, finalmente nomeando-a. É possível perceber que o percurso narrativo do capítulo serviu como base para ilustrar um conceito que poderia parecer muito mais complexo e abstrato se apresentado para o público logo nas primeiras frases. A partir do sentido global do capítulo que é concluído nesse parágrafo, começamos a entender que muitos exemplos dados no percurso são da própria biofilia e de sua origem.

Excerto 3

Texto-fonte 3

Later I set the day in my memory with its parts preserved for retrieval and closer inspection. Mundane events acquired the raiment of symbolism, and this is what I concluded from them: That the naturalist's journey has only begun and for all intents and purposes will go on forever. That it is possible to spend a lifetime in a magellanic voyage around the trunk of a single tree. That as the exploration is pressed, it will engage more of the things close to the human heart and spirit. And if this much is true, it seems possible that the naturalist's vision is only a specialized product of a biophilic instinct shared by all, that it can be elaborated to benefit more and more people. Humanity is exalted not because we are so far above other living creatures, but because knowing them well elevates the very concept of life. (WILSON, 1984, p. 21-22)

Texto-alvo 3

Mais tarde, eu recompus o dia em minha memória com suas partes preservadas para a recordação e uma melhor inspeção. Os eventos mundanos adquiriram as vestes do simbolismo e isto é o que eu concluí sobre eles: a jornada do naturalista está apenas começando e, num sentido prático, vai durar para sempre. É possível que o estudo do tronco de uma única árvore se torne numa viagem astronômica de uma vida inteira. A exploração, à medida que se desenvolve, se relaciona cada vez mais com as coisas próximas ao coração e ao espírito humano. E, se tudo isso é verdade, a visão do naturalista entendida como apenas um produto especializado de um instinto biofílico compartilhado por todos é possível, podendo ser elaborada para beneficiar mais e mais pessoas. A humanidade é exaltada não porque estamos tão longe das outras criaturas vivas, mas porque as conhecer bem eleva o próprio conceito da vida. (WILSON, 1984, tradução minha)

O locutor se marca como “I”/“eu” e “my”/“minha” ao iniciarmos a leitura desse parágrafo, assim percebemos que as conclusões que vão ser apresentadas partem explicitamente da experiência de um sujeito. Desse modo, suas justificativas e generalizações vão sendo apresentadas gradualmente e marcadas na última frase pelo uso da primeira pessoa do plural “we are”/“estamos”. Percebe-se um locutor que compartilha uma experiência com seu alocutário a partir da categoria de “Humanity”/“Humanidade” como bem aponta o tópico da frase, mas que exclui os outros seres vivos como pertencentes a essa comunhão. Benveniste fala que o pronome nós não é plural, porque não são vários *eus* que enunciam, mas a subjetividade de um *eu* que pressupõe o compartilhamento de sua experiência com seu alocutário. Assim, a estratégia discursiva usada nessa enunciação tenta convencer que a biofilia é mais do que uma experiência somente do autor.

Os índices de ostensão, na maioria das vezes, são usados para ampliar o impacto das inferências do autor no fechamento do capítulo. As expressões “closer”/“melhor”, “forever”/“para sempre”, “by all”/“por todos” estão associados a uma estratégia de generalização de suas ideias. O complemento “in a magellanic voyage” faz também esse papel quando se refere à investigação de um simples tronco de árvore. A tradução “numa viagem astronômica” tentou recuperar o significado de proporção através de uma metáfora relativa à viagem de Fernão Magalhães, iniciador da primeira circum-navegação do globo, com a associação às viagens espaciais, facilitando o seu entendimento ao atualizar a figura de linguagem para um representativo atual de desafio de exploração.

O uso dos verbos no presente introduz as conclusões surgidas naquele dia que ainda têm validade para ele, mostrando que a experiência teve um impacto que dura até o momento da enunciação. Tais verbos são “is”/“é” (5 vezes), “seems”, “are”/“estamos”

“elevates”/“eleva” e, exclusivamente na tradução, “se relaciona”. O presente perfeito em “has only begun” é usado para tratar do começo da jornada do naturalista em um tempo passado incerto, mas que ainda é relevante no presente enunciativo, não tanto por ser recente, mas porque suas consequências têm importância vigente. A tradução em um tempo verbal semelhante não é possível por causa da estrutura da língua portuguesa, assim a locução “está apenas começando” aparece com o verbo de ligação marcando o começo da ação no presente, mas como a relevância não está exatamente no começo da ação, mas em sua importância no momento da enunciação, tal estratégia acaba funcionando. O uso dos verbos no passado serve para dar fechamento ao dia como uma unidade de experiência e não como acontecimentos isolados, mas que juntos significam e passam por um processo de transformação em um conhecimento mais geral sobre o outro, os naturalistas e a humanidade. Pode-se citar os verbos “set”/“recompus” E “concluded”/“concluí”. Em relação aos verbos no futuro, “will go on”/“vai durar” e “will engage”, eles ilustram as possibilidades das descobertas e conclusões do dia num maior escopo. A tradução de “will engage” mudou em razão de procedimentos sintáticos ocorridos na frase em relação ao resto do texto, transformando-se em “se relaciona”, mas, com a adição da expressão “à medida de seu desenvolvimento”, o sujeito “a exploração” manteve o caráter prospectivo.

A sintaxe das conclusões foi modificada para evitar o truncamento vindo do uso introdutório da palavra “that”. Assim, para manter o paralelismo entre as conclusões, a nominalização foi a solução para melhor compreensão. Por exemplo, o complemento deslocado para o tópico “as the exploration is pressed” acabou virando o próprio sujeito da frase como “A exploração” junto ao aposto para indicar “à medida que seu desenvolvimento” para indicar graduação. Em outro momento, a topicalização “if this much is true”/“se tudo isso é verdade” aponta que as conclusões têm um aspecto de hipótese, característica do tom ensaísta do texto como um todo. Essa oração introduz uma conclusão geral, que ganha tom hipotético, vindo das conclusões específicas: a visão do naturalista é um dos produtos da biofilia. Por isso mesmo que a extensão dessa conclusão, a possibilidade da visão do naturalista ajudar as pessoas, está acompanhada antes pelo verbo auxiliar *can*/poder para indicar capacidade em um grau moderado de certeza na locução verbal “can be elaborated”/“podendo ser elaborada”.

5 CONCLUSÃO

A tradução como um fenômeno enunciativo mostra uma perspectiva que considera a interpretação, a criatividade e o tradutor como o sujeito de sua enunciação. O viés enunciativo ajuda o tradutor a perceber as minúcias semânticas existentes em cada língua, entre as línguas e a melhorar as suas escolhas. Elucida as possibilidades de representação do tradutor com diferentes sujeitos, assim como dos interlocutores e objetos, qualificando a justificativa de suas estratégias não apenas como falante, mas como analista da linguagem. Podemos perceber que as estratégias de tradução são, na verdade, atitudes complexas de enunciação, elas envolvem não só a relação entre o plano global e o analítico, mas também o reflexo da intersubjetividade de outros textos na tradução.

O objetivo global da tradução foi a criação de um texto aproximado do texto-fonte e, por isso, muitas análises das estratégias de tradução foram parecidas com a análise da enunciação do texto-fonte. No entanto, as diferenças das estratégias enunciativas da tradução também surgiram: no plano global, o locutor é o tradutor, apesar de se representar como porta-voz do autor, e também o autor, pois de alguma forma permitiu que seu texto fosse traduzido, e o alocutário se tornou o público falante de português que pode vir a se interessar pelo livro; no plano analítico, as diferenças ficaram um pouco mais claras, através principalmente da escolha e combinação de sintagmas, configurando uma sintaxe e argumentação própria do tradutor.

Apesar de o texto se configurar como divulgação científica e visar a objetividade, as subjetividades dos enunciadores desses dois textos, ainda assim, ficaram aparentes na análise. O próprio texto de partida aparenta ter a intenção de mostrar o lugar enunciativo do biólogo Edward Wilson. A tradução, inclusive, pode melhorar a narrativa científica ao incluir apostos e trazer referências de mais fácil recuperação, esclarecendo o entendimento da relação entre locutor e alocutário. As estratégias enunciativas de tradução podem ser entendidas como uma metalinguagem que não pretende classificar genericamente processos linguísticos, mas justificar as especificidades de cada enunciação tradutória.

REFERÊNCIAS

- ALDROVANDI, M. *O leitor-sujeito: uma proposta teórico-metodológica de leitura pelo viés da teoria enunciativa de Benveniste*. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.
- BENVENISTE, É Os níveis da análise linguística. In: BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral I*. 5. ed. Campinas: Pontes, 1989. p.127-141.
- BENVENISTE, É. A forma e o sentido na linguagem. In: BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1995. p. 220-242.
- CHESTERMAN, A. *Memes of Translation: The spread of ideas in translation theory*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 2016.
- FLORES, V. TEIXEIRA, M. *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.
- HAINZENREDER, L. S. *O fenômeno tradutório à luz da distinção semiótico-semântico na relação entre línguas: proposta de uma semiologia da tradução*. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem, Teorias do Texto e do Discurso) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- MELLO, V. H. D.de. *A sintagmatização-semantização: uma proposta de análise de texto*. 2012. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem, Teorias do Texto e do Discurso) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- NAUJORKS, J. da C. *Leitura e enunciação: princípios para uma análise do sentido na linguagem*. 2011. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem, Teorias do Texto e do Discurso) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- NUNES, P. Á. *A prática tradutória em contexto de ensino (re)vista pela ótica enunciativa*. 2012. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem, Teorias do Texto e do Discurso) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- LICHTENBERG, S. *Sintaxe e enunciação: noção mediadora para reconhecimento de uma linguística da enunciação*. 2006. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem, Teorias do Texto e do Discurso) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- OUSTINOFF, M. *Tradução: história, teorias e métodos*. São Paulo: Parábola, 2011.
- VINAY, J.; DARBELNET, J. A Methodology for Translation. In: VENUTI, Lawrence. *The Translation Studies Reader*. 2. ed. London/New York: Routledge, 2004. cap. 6, p. 84-93.
- WILSON, E. O. *Biophilia*. Cambridge, Massachusetts, EUA e London, England: Harvard University Press, 1984.



Recebido em 15/06/2020. Aceito em 21/01/2021.